

Eixo: Diversidade – Orientações educacionais para o uso da linguagem neutra no contexto escolar

Versão 1

Convivência na escola



Eixo: Diversidade – Orientações educacionais para o uso da linguagem neutra no contexto escolar

Versão 1

Senac São Paulo

Diretor do Departamento Regional

Luiz Francisco de A. Salgado

Superintendente Universitário e de Desenvolvimento

Luiz Carlos Dourado

Gerência de Desenvolvimento 2

Roland Anton Zottele

Gerência de Desenvolvimento 2 | Grupo Educação | Posicionamento Educacional e Representação Política

Ana Luiza Marino Kuller

Coordenação e Elaboração

André Rogério Pereira

Assistente

Priscila Simon

Sumário

Uso da linguagem neutra no contexto escolar	5
Contexto	5
Mas o que é esta chamada linguagem inclusiva e linguagem neutra?	6
E nas relações interpessoais que ocorrem no contexto escolar?	7
Referências	8

Uso da linguagem neutra no contexto escolar

“A linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social. Assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal, constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem. Como realidade material- organização de sons, palavras, frases - a linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, ideias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante.” (Margarida Petter)

Contexto

Tanto a linguagem como a sociedade possuem uma característica facilmente identificada: a mudança!

Os seres humanos são seres de linguagem e ao nominar seu universo lhe atribui sentido. É esperado, assim, que com a transformação do contexto e das relações sociais, a linguagem seja impactada e se modifique

Os linguistas afirmam que a língua é viva e acompanha as mudanças contemporâneas na relação humana com o ambiente, sociedade e o mundo.

Assim, atualizar a linguagem deveria ser um processo recorrente e natural. No entanto, as mudanças formais, que alteram a norma culta de escrita, chegam posteriormente ao movimento presente no discurso social que articula tensões políticas, identitárias carregadas de disputa de poder.

Recentemente tem estado cada vez mais presente a discussão de que a forma de nos comunicarmos vem carregada das relações de poder presentes na sociedade e tem surgido diferentes propostas de alternativas para que a linguagem seja mais inclusiva e menos marcadas pelas questões de gênero.

O tema diversidade ganha presença no cenário a partir de disputas sociais importantes que vem acontecendo com considerável força desde o final do século XIX em revoluções e movimentos sociais que reapresentam pessoas excluídas pela orientação sexual e de gênero.

A linguagem neutra, assim, não é norma, mas tem sido colocada como uma possibilidade de incluir pessoas que são invisibilizadas e apartadas em nossa sociedade, na disputa de poder que privilegia, legitima e exalta os padrões dominantes, inclusive no uso da língua.

Embora existam movimentos que propõem a alteração na estrutura da língua, substituindo os artigos e flexões de gênero por “e”, “x”, “@” como em “todes” / “tod@s” ou mesmo alterando estabelecendo novos pronomes como “elu”, estas são propostas que ainda estão em debate. Há questionamentos sobre sua pertinência ou função considerando espectros mais amplos como políticas públicas ou direito de gênero

A potencial alteração da língua formal é a ponta final de um processo dinâmico que ainda está em movimento, mas não é possível ignorá-lo e nem podemos nos alienar do debate e, tampouco, radicalizar posturas, até porque nossos estudantes têm nos mobilizado nesta direção.

Institucionalmente recomenda-se a escolha pela linguagem neutra para tratamento coletivo, posição presente no recém-divulgado Guia de Linguagem (<http://www1.sp.senac.br/hotsites/-temp/novosite/guia-genero.pdf>) que define que ‘somos inclusivos na aplicação da linguagem’.

No que tange ao gênero, isso significa que: “Conversamos com nosso público sem especificar o gênero das pessoas ou de um grupo. Por isso, sempre que possível, substituímos termos masculinos por alternativas neutras ou pelo grupo de pessoas”

Mas o que é esta chamada linguagem inclusiva e linguagem neutra?

A linguagem inclusiva, ou não sexista, é aquela que busca comunicar sem excluir ou invisibilizar nenhum grupo.

Essa linguagem propõe que as pessoas se expressem de forma que ninguém se sinta excluído utilizando palavras que já existam na língua. Um exemplo é algo que escutamos bastante hoje em dia de pessoas que começam seus discursos ou apresentações dizendo “Boa noite a todos e todas”. O objetivo aí é saudar as pessoas presentes considerando suas subjetividades, ao mesmo tempo envolvendo-as ao tema, evento, aula etc.

Em nosso idioma encontramos substantivos neutros aos gêneros por exemplo, podemos usar estudantes ao invés de aluno ou aluna, usar o humano ou pessoa ao invés de universalizar “o homem”, para tratar do masculino quanto para o feminino como atualmente encontramos na redação de várias publicações.

E nas relações interpessoais que ocorrem no contexto escolar?

À Escola cabe um lugar de acolhimento das subjetividades que modulam as relações sociais. Cabe também ser um espaço onde as questões que atravessam nosso tempo sejam abordadas e refletidas, contemplando-as no processo de aprendizagem numa perspectiva crítica e emancipatória.

Enquanto o movimento está acontecendo mobilizando o debate social, os direitos civis, a empregabilidade, instituições e a política a escola tem a oportunidade e a responsabilidade social de agregar essas tensões acolhendo discussões através de debates, assembleias e sobretudo, sustentando uma posição inclusiva alinhada ao direito constitucional de dar acesso à educação a população brasileira.

No contexto das relações escolares mediados pela comunicação recomendamos estabelecer acordos de convivência ressaltando o valor confiança que propicia um ambiente favorável e seguro para expressão pessoal e apresentação de perguntas, questionamentos e também do respeito das subjetividades.

Neste sentido, nada mais pertinente do que trazer as pessoas que não se sentem contempladas pela linguagem padrão a se manifestarem sobre como preferem ser referidas ou como lidar com os plurais ou coletivos. No âmbito das relações entre estudantes e equipe escolar, vale o que ficar acordado em cada grupo a cada momento, pois pode ser revisto sempre que necessário.

Importante que as Escolas e educadores busquem alternativas para sustentar acordos respeitosos considerando que a binaridade já não é absoluta como em outras décadas.

Desenvolver habilidades de convivência através de acordos pedagógicos fortalecerá os valores que nos aproximam da condição humana formando pessoas mais preparadas para lidar com as mudanças e mantendo o respeito mútuo.

Referências

FIORIN, José Luiz (org.), PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística, in Introdução a linguística – Volume I e II. São Paulo, USP, 2003.

Manifesto ILE para uma comunicação radicalmente inclusiva - <https://diversitybbox.com/pt/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/>. Último acesso 09/09/21.

Manual de comunicação LGBTI+. <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads-2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Último acesso 10/09/21.

SAUSURRE, Ferdinand. Curso de linguística geral. São Paulo, Editora Cultrix, 2012.

Senac São Paulo - <http://www1.sp.senac.br/hotsites/temp/novosite/guia-genero.pdf>. Último acesso 16/09/21.

Site Politize! - <https://www.politize.com.br/linguagem-inclusiva-e-linguagem-neutra-entenda/>. Último acesso 10/09/21